



Arte e vida/criação e composição de si

Patrick Aozani Moraes¹

pamuergs@gmail.com

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Cibele Sastre²

cibsastre@gmail.com

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Resumo: Este texto é um recorte feito do Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Dança: Licenciatura, da UERGS e aborda aspectos da construção de gênero, através de narrativa autobiográfica articulada com referencial teórico, para relacionar com práticas de dança vivenciadas e observadas, para fins de uma produção coreográfica. Com a característica textual de um “relato/memorial”, desenvolvo fragmentos de minha vida considerados importantes para o desenvolvimento do tema abordado. Esta pesquisa em dança de caráter autobiográfico, relata fragmentos da minha trajetória de vida, abordando as memórias de minha construção de gênero como ponto de partida para debater e desenvolver informações conflitantes pessoais, sociais para explorá-las no processo de criação da obra “Sou Homem. Sou Diva”. A obra reúne aspectos do estranhamento do corpo, das descobertas, dos xingamentos e das barreiras que foram desconstruídas e reformuladas como movimentos. Através dessas referências pessoais, e da cultura pop de dança e música e de alguns shows da Drag Adriana Portilla, que é parte das minhas referências pessoais para a dança, construí meu show de bate cabelo para além da polaridade de gênero.

Palavras chave: Gênero; construção de gênero; criação em dança.

Das referências à criação

Cresci entendendo algo sobre a violência das normas de gênero: um tio encarcerado por ter um corpo anatomicamente anômalo, privado da família e dos amigos, que passou o resto de seus dias em um ‘instituto’ nas pradarias do Kansas; primos gays que tiveram que abandonar o lar por sua sexualidade, real ou imaginada; minha própria e tempestuosa declaração pública de homossexualidade aos 16 anos, e o subsequente cenário adulto de trabalhos, amantes e lares perdidos. Todas estas experiências me submeteram a uma forte condenação que me marcou, mas, afortunadamente, não impediu que seguisse buscando o prazer e insistindo no reconhecimento legitimizador de minha vida sexual. Identificar esta violência foi difícil precisamente porque o gênero era algo que se dava por assentado e que ao mesmo tempo se vigiava terminantemente. Se pressupunha que era uma expressão natural do sexo ou uma constante

¹ Pesquisador, coreógrafo e bailarino. Licenciado em Dança pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul UERGS. Atua como professor substituto na Fundação Municipal de Artes de Montenegro - Fundarte.

² Pesquisadora, Coreógrafa, Bailarina. Professora Assistente do Curso de Graduação em Dança da UERGS em componentes curriculares como Improvisação e Análise do Movimento, Dramaturgia da Dança; Pesquisa em Dança; Estudos Coreográficos, Técnicas Corporais. Coordenadora do Projeto de Pesquisa O campo de ação (e invenção) em dança no RS sob a perspectiva da formação do professor-artista no curso de Graduação em Dança – Licenciatura da UERGS: estudo da atuação profissional do egresso e o Projeto de Extensão IV Encontro das Graduações em Dança do RS na UERGS. Doutoranda em Educação, Mestre e Bacharel em Artes Cênicas pela UFRGS.



cultural que nenhuma ação humana era capaz de modificar. Também cheguei a entender algo da violência da vida de exclusão, aquela que não se considera 'vida', aquela cuja encarceração conduz à supressão da vida, ou uma sentença de morte suspensa. (BUTLER apud TONELI e BECKER, 2010, p.3)

Na minha trajetória de vida, escutei muitos discursos sobre gênero e sexualidade. Muitas vezes estes estavam atribuídos à prática sexual. Portanto, socialmente homem que transa com mulher é do gênero masculino. Mulher que transa com homem é do gênero feminino. Homem que transa com homem é do gênero feminino e mulher que transa com mulher é do gênero masculino. Explica-se a inversão de gênero quando relacionado ao homossexualismo, pois culturalmente as pessoas referem-se ao gay masculino como “mulherzinha” e a gay feminina com “machorra”. A referência social/cultural de gênero está ligada a prática sexual. Para Toneli e Becker:

Butler introduz a ideia de que o gênero emerge no mundo performaticamente inscrito nas práticas discursivas cotidianas, expressas e constituídas pelo vestuário, maneiras e comportamentos, de sorte que é somente dentro da cultura e do pensamento político que podemos desenhar uma linha entre sexo e gênero (entre o natural e o social, entre o político e o não político, etc.). (2010, pp. 1-2).

Gênero, em nossa sociedade, é conhecido por categorizar o que está relacionado ao homem e o que está relacionado à mulher. Esse pensamento, construído por nossa cultura, de forma arbitrária e equivocada leva, muitas vezes, as pessoas a não se manifestarem quanto a sua sexualidade ou retardam essa manifestação por não se enquadrarem no gênero que lhe é imposto. Nesse sentido, temos princípios que determinam o que é o papel do homem e da mulher. Segundo Louro,

Papeis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou se portar... através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é adequado (e inadequado) para um homem ou uma mulher numa determinada sociedade, e responder essas expectativas. (2011, p, 28).

Avaliando os padrões e as regras que constituem a nossa sociedade, percebe-se uma gama de instituições sociais de relação de poder, construídas a partir da identidade sexual biológica. Segundo Louro,



É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade com um dado momento histórico. (2011, p.24).

Seguindo no pensamento de construção social e cultural de gênero, André Masseno apresenta como se constitui e como se dá a construção de gênero masculino dominante, ao abordar as questões que são atribuídas a um homem, o que o faz se distanciar de tudo o que pode afetar sua masculinidade, para que de fato se concretize como o gênero masculino:

Para constituir-se como tal, a masculinidade faz-se enquanto um dispositivo regulatório, no intuito de distanciar tudo aquilo que possa colocá-la em risco, que possa invalidar o seu projeto de inscrever no corpo, como dado natural, a equação sexo masculino = gênero masculino. Logo, a masculinidade é uma produção de controle que, para garantir a eficiência de sua operação normativa, faz o sujeito nascido biologicamente no sexo masculino incorporar e enunciar uma recusa a tudo aquilo que é visto como informe e abjeto, isto é, aos comportamentos, corpos e sexualidades considerados desviantes. (MASSENO, 2012, p. 5).

A referência em que eu fui criado era mais ou menos assim, os meninos tinham uma cartilha a ser seguida e que qualquer atitude fora dela era sinônimo de rejeição. Na escola, havia um grupo de dança constituído apenas por meninas, muitas vezes eu fugia da sala de aula para ir olhar elas ensaiando. Eu sabia todas as coreografias só de olhar, em um dado momento eu comecei a ensaiar com elas escondido, claro, para que os meninos da escola não me vissem, pois eu sabia que isso acarretaria em piadas e pré-julgamentos. O repúdio aos atos desviantes (e a dança nesse contexto é um ato desviante) era tão poderoso que nos dias das apresentações, eu ficava na plateia olhando elas dançarem, e ainda para ser aceito no grupo dos meninos eu até falava mal da dança e das meninas, pois era isso que eles faziam.

Isso era tão natural que me transformava em um indivíduo preconceituoso comigo. A heteronormatividade predominou toda a minha formação e essas atitudes, que constituem esse tal “homem”, gera um repúdio a tudo aquilo que é diferente, chegando ao ponto extremo de eliminar aqueles que são considerados desviantes por eles. Refiro-me, aqui, aos homens que seguem essa heteronormatividade. Para Toneli e Becker:



A heteronormatividade, então, é uma prática reguladora de sexo/gênero/desejo que não pode ser transformada em um problema de discriminação contra indivíduos autônomos baseado em sua orientação sexual, como o conceito de homofobia pode levar a crer. (2010, p.1).

Por muito tempo minha trajetória na dança e de vida foram definidas pelas convenções heteronormativas desse dado contexto escolar, social e cultural. Para Toneli e Becker (2010, p.4) “[...] o conceito de heteronormatividade revela normas institucionais, culturais e legais que reificam a normatividade da heterossexualidade, centra-se na expectativa/demanda do desejo e da identidade heterossexual, é a norma na cultura/sociedade/política”. Quando cheguei à adolescência com a descoberta sexual, alguns traços da minha personalidade e sexualidade ficaram mais evidentes. Percebi que meus desejos eram diferentes dos desejos de meus amigos, mas eu nem sabia o que estava se passando comigo, pois esses sentimentos e desejos não estavam na cartilha masculina. Os traços de personalidade, os trejeitos, o comportamento, o gosto por brincar com meninas acarretou na desconfiança dos meninos sobre a minha sexualidade e masculinidade, transformando estas dúvidas em insultos, ofensas, recriminações e etc.

Composição de lembranças

Dentro desse universo, busquei explorar em meu processo de criação essas e outras lembranças aqui não citadas e ao revisitar essas sensações, as reconheci como potencialidade para me mover, para fazer destes sentimentos, que são meus, um ponto de partida para novos movimentos e sentimentos. Segundo Lobato,

O fenômeno “mover-se” fala a despeito do dançarino. Esse mover re-significa sua sensibilidade, fisicalidade, história de vida, herança cultural e genética que somadas ao seu preparo profissional e artístico resultam num discurso corporal pessoal e intransferível que promove a dança. (2007, p.1).

Busco essa visita aos sentimentos passados como forma de explorar conflitos de maneira a ressignificá-los e possibilitar significações particulares a quem assiste. Os estudos da performance, conforme Schechner *apud* Icle. (2013, p.18), apresentam essa ação como um ato de segunda vez. “[...] ou seja, trata-se sempre de um tipo de representação – reorganizada, reconfigurada em muitos casos, mas, ainda sim, uma



repetição”. A sensação ainda existe dentro de mim. No meu corpo permanecem as lembranças e os registros dessa trajetória. Para Costas essa busca na lembrança,

[...] caracteriza-se por uma abordagem que convida o intérprete - criador à investigação consciente de sua interioridade, lugar no qual a subjetividade está encarnada na fisicalidade. Para Vianna, a fonte primeira da dança reside aí, no próprio corpo, ou melhor, dizendo, nesse conceito de corpo. (2005, p.1).

Isso possibilitou perceber que eu estava sendo julgado por não estar no padrão hetero. Neste período tranquei dentro de mim a sexualidade, ou melhor dizendo, a homossexualidade. Por muito tempo menti para meus amigos, minhas namoradas, minha mãe e para mim mesmo, quem eu era. Criei um personagem que contava mentiras. Essas que tão bem contadas faziam com que todos acreditassem que o meu jeito era apenas uma forma extrovertida de viver.

Mas que essas recordações juntamente com os estudos de gênero e os processos contemporâneos de composição em dança, alimentaram as pesquisas de movimentos. Segundo Costas (2005, p.3), “a dança se caracteriza como arte no processo de traduzir o sentido, o percebido, o vivido, o imaginado, o pensado em gesto, em movimento no tempo-espaço”. Hoje me sinto seguro para apresentar um show. O meu show. Este que bebeu em todas essas vertentes artísticas espetaculares, e também dialoga com a minha identidade corporal, trazendo à cena não só um show de bate cabelo, mas o resultado de todo o processo que foi construído até chegar aqui. Este show que não está desvinculado “Da pele porosa” ou “Do corpo de xingamentos” (nomes conferidos às partes da coreografia), mas sim constituído deles. Este show bate em mim como um pedido de “com licença, estou aqui”. Sou bailarino. Sou homossexual. Sou do gênero masculino. Sou homem. Sou diva.

Conclusão

Discutir a temática da homossexualidade/gênero e ter a dança como uma ferramenta para abordar as temáticas sociais, que são de cunho maior, foi um dos maiores aprendizados desta pesquisa. Compreender que a dança é maior do que o fazer ou apreciar, abriu as portas para que eu pudesse desenvolver este trabalho e possibilitou de alguma forma, enfrentar alguns receios e medos. Partir desse tema, através de uma quase “autobiografia”, possibilitou problematizar algumas questões



que eram tidas como vencidas. Ao abordar os estudos de gênero, compreendi que apenas dizer que não se tem preconceito não basta, é preciso ter compreensão de que as atitudes/ações, muitas vezes, são preconceituosas e que estas ferem muito mais do que as palavras. Ser homossexual vai além de constituir gênero masculino ou feminino, ou de ser uma opção sexual e de vida. Para entender a homossexualidade na sua formação social, é preciso desconstruir a ideia de que o normal é ser hetero, pois este pensamento implica em desrespeito e preconceito à diversidade sexual e de gênero.

Referências

COSTAS, Ana maria rodriguez. *Klauss vianna e a expressividade como devir dramaturgico da dança*. 2005. Disponível em: <<http://www.klaussvianna.art.br>>. Acesso em 21/10/2013

ICLE, Gilberto. Da performance na educação: perspectivas para a pesquisa e a prática. In: PEREIRA, Marcelo, Andrade. *Performance e educação: {des}territorializações pedagógicas*. Santa Maria: Ed UFSM, 2013.

LOBATO. Lúcia, Fernandes. *Derrida e a perspectiva “desconstrucionista” do padrão na dança*. IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. GT Pesquisa em Dança no Brasil: Processos e Investigações. 2007. Disponível em: <<http://www.portalbrace.org/>>. Acesso em 18/09/2014.

LOURO, Guacira, Lopes. *Gênero. Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: RJ, Vozes, 2011.

MASSENO, André. As performances do perigoso e a dança contemporânea brasileira – breves apontamentos. *Performatus*. ano 1 - nº 4. 2013. Disponível em: <<http://performatus.net/breves-apontamentos/>>. Acesso em 22/10/2013.

SALIH. Sara. *Judith butler e a teoria queer*. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autentica Editora. 2012.no 1 | Nº 4 | Mai 2013.

TONELI. Maria Juracy Filgueiras; BECKER. Simone. *A violência normativa e os processos de subjetivação: contribuições para o debate a partir de Judith Butler*. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010.